

Vila Real, 1976

Raul Alfredo de Almeida César de Sá, nascido no Porto em 31/12/49, licenciiei-me em 73-74. Fiz posteriormente a especialidade de Pneumologia, e trabalhei quase sempre no Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia, onde para além das minhas funções clínicas, desempenhei algumas funções de chefia, nomeadamente a de Diretor Clínico, durante cerca de 5 anos e meio. Trabalhei em Angola durante dois anos e no Brasil depois de me ter aposentado, também durante dois anos.

Fiz o Serviço Médico à Periferia no Distrito de Vila Real, 1976. Eramos 10 médicos. Para atendermos uma área maior estabelecemos com as autoridades de saúde locais, um sistema de consultas, em rotação, com dois médicos por equipa, que nos colocava tempos de trabalho diário nas seguintes localidades: Vila Real, Sabrosa, Alijó, Vila Pouca de Aguiar, Murça, Ribeira de Pena e Cerva.

Fazíamos, uma vez por semana, 24 horas de Serviço de Urgência no velho Hospital de Vila Real.

Ocasionalmente e por diferentes motivos (férias, impedimento do médico local, etc.), trabalhávamos, para além disso, na Cumeeira, em Santa Marta de Penaguião (Medicina Escolar) e em Candedo - Murça.

A experiência do SMP para nós, médicos, ainda muito jovens, foi encarada com algum receio inicial, quer por irmos enfrentar uma realidade que não conhecíamos, quer por termos até aí uma experiência de trabalho médico maioritariamente hospitalar, ainda muito tutelada e com apoio da especialidades, material e meios de diagnóstico que sabíamos não ir encontrar na periferia. Nesse sentido, a nossa comissão de curso, convidou vários professores da FMUP a escolherem temas que achassem importantes para ao nosso trabalho e nos darem algumas aulas, sublinhando os aspetos clínicos e partindo do princípio de que não teríamos meios de diagnóstico ao nosso dispor. Considero esse curso de preparação foi importante e durante muito tempo, usei o caderno de apontamentos dessas aulas na pasta que levava para o trabalho. Lembro-me de passar uma noite a pé, a tratar uma doente com um coma diabético, no Hospital de Vila Real, sem ajuda de nada nem de ninguém, só com o caderno em punho. Na manhã seguinte, com o laboratório de análises a funcionar e a franca melhoria da doente, pude enfim respirar descansado.

Encontramos uma realidade, com que certa forma já contávamos e que agora, tantos anos depois, é dificilmente imaginável. Um Hospital num edifício do século XIX, já com sinais claros de degradação, com um quadro clínico deficitário, falta de material do mais simples que se possa imaginar, análises só até ao fim da tarde, enfermarias enormes e não climatizadas, etc.

Uma população abandonada, com hábitos de saúde e alimentares deficientes, doenças facilmente intervencionáveis, mas não controladas: Diabetes, Hipertensão, alcoolismo, este numa percentagem assustadora, mesmo em adolescentes. Doenças congénitas, nomeadamente cardíacas não diagnosticadas

No fundo a doença era encarada como uma parte da vida, da natureza, uma fatalidade que não podia ser vencida.

“Tenho sete filhos, doutor, mas morreram-me quatro” era uma frase frequente, portanto uma indicação clara de taxa de mortalidade infantil muito elevada. A grande maioria das grávidas, não era seguida por rotina e a obstetrícia no Hospital era no último andar, debaixo da telha. Não

havia elevador e as mulheres iam de maca levadas por dois maqueiros, à força de pulso, por umas escadas estreitas e íngremes.

Havia numerosas doenças infecciosas (tuberculose, brucelose, sarampo, difteria) e numerosas infestações parasitárias (escabiose, por exemplo), nomeadamente intestinais que eram praticamente universais. Nalgumas localidades mais isoladas, encontramos com frequência maior que o habitual, alguma patologia congénita, provavelmente por haver um elevado grau de consanguinidade.

O acesso a consultas era difícil, para quem não vivia nas cidades. Em alguns locais com Ribeira de Pena e Cerva eramos os únicos médicos que prestavam assistência. Quase todos os doentes que necessitassem de consulta de especialidade tinham de ir ao Porto, o que para os mais pobres era muito difícil, que junto com o tempo de espera muito longo, explicava uma taxa alta de abandono.

Os médicos que encontramos, estavam abandonados, como a população. Com muita dificuldade faziam o possível por se manterem atualizados, o que era difícil sem qualquer apoio do governo. Com todos eles mantivemos uma boa relação e ouvimos com atenção os seus conselhos, de muitos ouvidos, cito aqui um deles, do Dr. António Júlio de Sabrosa, chamando-nos a atenção para investigar em todos os jovens com dor lombar, a existência de Brucelose.

Descobrimos muitas bruceloses!

A nossa atividade no SMP, abriu, para aquelas populações, portas que nunca tinham sido abertas, colocando a nu, necessidades que nunca tinham sido sentidas e que a população rapidamente compreendeu, aceitou e encarou como um direito, que não lhes podia ser retirado

Um exemplo significativo, foi o facto, de a meio do processo, terem sido chamados para o serviço militar alguns colegas que conosco trabalhavam. Houve uma reação imediata das populações e das autarquias que a sua ausência iria prejudicar...e ninguém saiu.

O exército foi buscar alguns médicos cujo recrutamento estava “esquecido” há uns anos, para substituir as necessidades que tinha, deixando na periferia, quem estava na periferia.

Para nós, em pleno processo de recriação e reforma das carreiras médicas que iriam condicionar positivamente as nossas vidas, o SMP, ao ser colocado como condição necessária para entrar nos internatos de Especialidade, acabou por ser o primeiro grande pilar da nossa formação.

Olhando para trás, acredito, que a maioria dos colegas que fez o SMP é da minha opinião:

O SMP foi o princípio definitivo da nossa autodeterminação profissional e talvez o tempo em que nos sentimos mais uteis: para além do trabalho quotidiano, sentíamos que estávamos a transformar a realidade

Para mim foi o momento em que comecei claramente a gostar de ser médico!

Desempenamos o melhor possível, nesse ano e nos anos que se seguiram, um papel na construção do que hoje existe, o SNS e disso temos orgulho.

Comparar a situação que existe hoje, com a que existia nessa altura, é o melhor argumento para o defender o SNS e mostrar a sua importância.

Durante algum período da minha vida tive funções de gestão, e com o que aprendi na altura parece-me claramente que o SNS, funciona bem. Talvez seja necessário algum reinvestimento, mas precisa sobretudo, de uma gestão competente de recursos, que é deficiente nalgumas áreas do país.

Para acabar gostaria de lembrar dois acontecimentos, que tiveram a ver com o nosso SMP e que são importantes:

- Hospital Novo de Vila Real – Como já referimos atrás o Hospital de Vila Real tinha muito más condições de trabalho. Havia um outro hospital, novo, pronto e vazio nos arredores de Vila Real, destinado a internamento de Psiquiatria. Demorou tanto tempo a ser construído que quando ficou pronto, a Psiquiatria não necessitava das camas. Assim que o visitamos, tivemos imediatamente a ideia de o adaptar para Hospital Geral. Lançamos essa discussão, que foi difícil. Um facto fez apressar as coisas: correu a notícia que o Hospital iria ser ocupado para guardar material para os retornados de África que viviam em Vila Real. Ainda com as nuvens do movimento Estudantil na nossa cabeça, fizemos uma reunião geral dos funcionários do Hospital, escrevemos (escrevi) um comunicado à população, aprovado e distribuído por médicos e funcionários, vestidos com as batas, à população, em dia de feira. Tornamos assim a questão publica: saiu nos jornais todos e foi lá a Televisão. Já depois de partirmos e com o apoio do Governador Civil de Vila Real e do governo da Noruega, adaptaram-se os edifícios e construindo-se mais alguns, criou-se o que é hoje o novo Hospital de Vila Real. Estamos assim na sua origem, mas já ninguém se lembra disso.
- A morte do Padre Max – Em 76, passavam-se os anos agitados depois do 25 de Abril: os ataques às sedes de partidos de esquerda precedidas sempre por procissões de desagravo a Nossa Senhora. No Norte do País, isso acontecia com uma enorme frequência. A Sede do PC de Vila Real não foi atacada, apesar de ter havido procissão. Corria a história de que o Cónego Sarmento, teve medo dos dois ou três veteranos do PC que tinham fama de duros (dizem que do tempo do Militão Ribeiro, que era de Murça). O cónego Sarmento era o chefe da “reação” local. Modelo típico de padre miguelista, foi uma das primeiras pessoas que conhecemos, em Vila Real. Batemos-lhe à porta à procura de alojamento e encontramos o homem rodeado de propaganda de extrema direita e a gabar-se que era progressista do “partido do progresso”. Arranjou-nos alojamento numa quinta, mas eu acabei por ter de sair. Era candidato da UDP e os meus colegas tiveram medo. O Padre Max também era candidato convidado pela UDP, foi assim que o conheci. Era um homem hiperativo, popular, que não mandava dizer nada por ninguém, por isso era odiado pela direita toda. Mas era militantemente padre. Eu casei-me nessa altura e ele ficou muito impressionado, por não eu me casar pela Igreja, “vou-te casar, isso assim não está bem”. Colocaram-lhe uma bomba no carro, poucos dias depois de eu me ter casado. Levava uma amiga, a Maria de Lourdes com a qual tinha ido dar umas aulas à Cumeeira, que morreu imediatamente. Eu estava no hotel Cabanelas e recebi um telefonema do Leuschner a dizer que o Padre tinha sofrido um atentado. Saí a correr, sem saber o que fazer, ainda espreitei debaixo do carro, não fosse haver uma bomba para mim. Depois foi uma noite a pé. Toda a equipa, menos os três que estavam alojados na Pousada do Marão. Fizemos tudo o que podíamos, com o apoio do Dr. Campos que era um ótimo Cirurgião do Hospital. Tentamos transferi-lo de helicóptero, não conseguimos. Por terra, não tínhamos a certeza que sobreviveria. O

Padre sobreviveu até às 7 horas da manhã, quando tínhamos decidido finalmente enviá-lo por ambulância, por termos percebido que ninguém nos mandaria helicóptero nenhum. Morreu daquilo que se chamava na altura um pulmão de choque e que agora se chama ARDS.

Nunca foram presos os culpados da morte desse homem bom e generoso. Nunca mais me esqueci disso e a recordação do SMP, estará sempre a ele ligada.

No dia seguinte a cidade estava cheia de estudantes, alunos do Padre, que se manifestaram espontaneamente, uma manifestação de pura dor, sem cartazes partidários.

Desapareceram como por encanto todos os símbolos dos partidos de direita usados orgulhosamente, até aí, em algumas lapelas (ninguém se identificava publicamente do PS para a esquerda, PS inclusive, porque era perigoso)

Presumo que o cónego Sarmiento tenha ido a correr, esconder a propaganda de extrema direita que imprimia e guardava no seminário, onde o vi pela primeira e última vez.

A ele e à propaganda.

Raul César de Sá (texto escrito para o livro Uma revolução na saúde – História do Serviço Médico à Periferia 1974-1982, de Raquel Varela)